



OCEANO ÍNDICO

Ciclone leva medo e incerteza a ilhas

Com ventos de 220km/h, tempestade Chido é a pior a atingir o arquipélago francês de Mayotte em 90 anos. Autoridades temem "centenas de mortos". Moradores comparam destruição a ataque nuclear

» RODRIGO CRAVEIRO

Moradores compararam o cenário apocalíptico à destruição provocada por uma bomba nuclear. As imagens aéreas mostram uma terra arrasada, com milhares de casas de madeira transformadas em pilhas de escombros. Três dias depois da passagem do ciclone Chido, o arquipélago de Mayotte — território ultramarino francês, no Oceano Índico, a leste de Moçambique — está praticamente isolado do mundo. Autoridades temem as mortes de "centenas, ou mesmo milhares" de pessoas.

Os ventos de 220km/h, seguidos por chuvas torrenciais, bloquearam estradas, danificaram serviços de telefonia e interromperam o abastecimento de água. Cerca de um terço das construções de Mayotte são casebres com telhados feitos de chapas de metal. A contagem de mortos esbarra no fato de que cerca de 100 mil dos 320 mil habitantes do arquipélago são migrantes não documentados.

Em Paris, a 8 mil quilômetros de Mayotte, o presidente Emmanuel Macron liderou um encontro de crise e anunciou que viajará para a região nos "próximos dias" e que decretará luto nacional. O gabinete do primeiro-ministro François Bayrou observou um minuto de silêncio em memória das vítimas. Até o fechamento desta edição, foram registradas oficialmente 21 mortes no hospital. Em nota divulgada na noite de domingo, o Ministério das Relações Exteriores brasileiro informou que o Brasil "conclama as nações parceiras a redobram os esforços de adaptação aos impactos da mudança do clima, em reação à multiplicação de eventos naturais extremos".

"A situação em Mayotte é muito complicada. Houve muito mais vítimas do que se sabe. Elas foram sepultadas imediatamente, por motivos religiosos. Não sabemos quantos mortos foram enterrados", relatou ao **Correio** a jornalista Mathilde Hangard, que mora em Mayotte e está viajando a Paris. "Tudo foi destruído. O arquipélago

foi coberto por chapas de metal, escombros, objetos, antenas e aparatos de todo o tipo. No entanto, o mais chocante é que vemos poucas pessoas nas cidades e nos hospitais. Não ver a população nos causa amargura", acrescentou.

Segundo Hangard, os moradores de Mayotte não estavam preparados. "A infraestrutura não é nova, inclusive as residências dos ricos. Sabíamos que os ventos seriam fortes, mas não a esse ponto", disse. "Não era possível prever com exatidão a força do ciclone. Na madrugada de sábado, os serviços meteorológicos anunciavam ventos violentos, mas não a esse ponto. Quase toda a infraestrutura das ilhas foi destruída. Meus amigos e familiares ficaram desabrigados", lamentou. Ela confirmou relatos sobre pessoas que começam a morrer de fome e de sede. "Os hospitais necessitam de água e de alimentos, além de uma gestão logística para os médicos e enfermeiros. O Estado se esqueceu disso. As autoridades decidiram construir mais um hospital para ajudar a população." Chido golpeou o arquipélago às 9h de sábado (3h em Brasília).

"Situação caótica"

Também em Paris, o gerente de armazém Ben Ahamada, 29 anos, conseguiu contato com familiares em Mayotte. "Eles estão seguros, mas sofreram danos materiais", afirmou ao **Correio**. "A situação é caótica, uma catástrofe. Não sabemos o balanço de vítimas, mas que há muito mortos. Não temos mais nada. Tudo está destruído. Faltam água, eletricidade e comida", desabafou. "Meus parentes estão vivos e com saúde, mas alguns deles perderam tudo. Não têm nada para comer, nem para beber, e têm medo porque não há energia elétrica."

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha anunciou que conseguiu o contato com apenas 20 dos 200 voluntários mantidos em Mayotte. "Todas as favelas foram totalmente destruídas. Não recebemos nenhum relato de pessoas desalojadas. Então, a realidade pode ser terrível nos próximos dias", admitiu o porta-voz Eric Sam Vah à emissora britânica BBC.

Securité Civile/AFP



A devastação em Mayotte

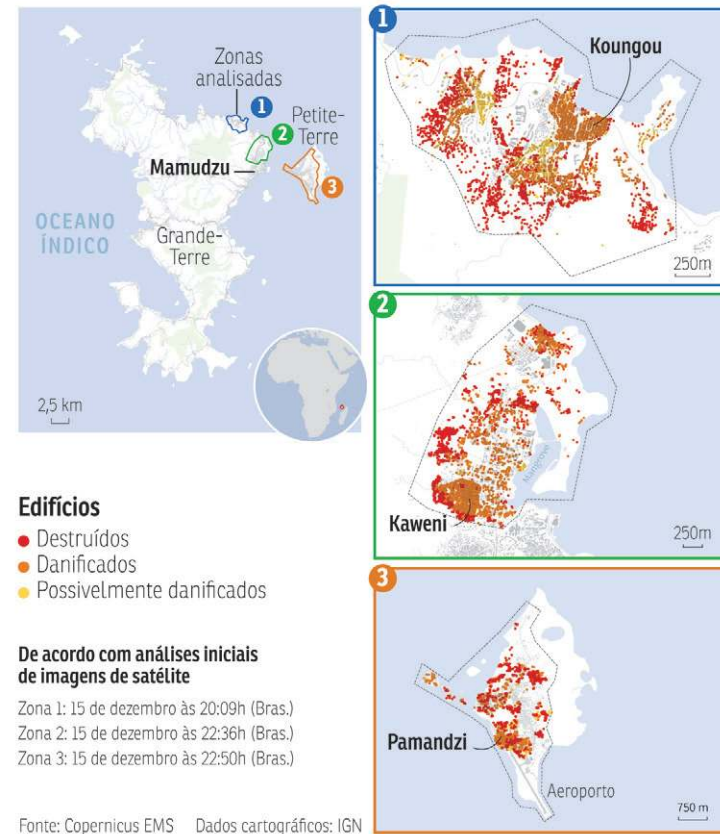


Imagem aérea mostra casas arrasadas na cidade de Combani, no território ultramarino de Mayotte: corrida contra o tempo



O mais chocante é que vemos poucas pessoas nas cidades e nos hospitais. Não ver a população nos causa amargura"

Mathilde Hangard, jornalista que mora em Mayotte

BOLÍVIA

"É perseguição política", diz Morales sobre ordem de prisão

Foram várias tentativas de contato. Às 19h36 (hora de Brasília), a agência France-Presse (AFP) informou que o Ministério Público da Bolívia emitiu uma ordem de prisão contra o ex-presidente Evo Morales, acusado de abuso de menor enquanto ele chefiava o país (2006 e 2019). Segundo a promotora Sandra Gutiérrez, Morales teria cometido "tráfico de menor", depois de um suposto acordo com os pais de uma adolescente de 15 anos.

Minutos depois, Evo Morales atendeu à ligação do **Correio**, por meio do WhatsApp. "Não tenho nada o que comentar, sabendo que essa é uma questão somente política", respondeu. Ao ser questionado se considerava a ordem de prisão uma perseguição por parte do governo do presidente Luis Arce, Morales declarou: "Totalmente". Então, agradeceu e desligou o telefone.

Em 30 de outubro passado, o **Correio** havia questionado

Morales sobre o mesmo processo. "A menina pediu que não falássemos mais sobre isso. Eles têm me investigado desde 2020. Não encontraram nada. A investigação foi rejeitada. Ponto final", afirmou. De acordo com o ex-presidente, em 2021, Arce "começou a preparar um 'plano sombrio' para destruir Evo politicamente". Na ocasião, ele qualificou o atual governo de esquerda como "de traição e corrupção". "Tenho a obrigação de salvar a nossa revolução e a Bolívia com o povo boliviano. Meu crime é ser índio", disse.

Endereço

Segundo o jornal boliviano *El Universo*, a polícia não pôde executar a ordem de captura de Morales, emitida em 16 de outubro e somente divulgada ontem, por uma série de razões. Além de desconhecerem o endereço do

Ronald Schmidt/AFP



Morales, presidente entre 2010 e 2015, teria se relacionado com garota de 15 anos

A promotora esclareceu que o caso não foi mencionado antes por ser "muito complexo", por envolver um ex-presidente. A agência France-Presse divulgou que o escândalo remonta a 2015. O líder cocaleiro era presidente e, segundo o processo, manteve um relacionamento com uma adolescente de 15 anos, com quem teve uma filha em 2016. A promotora sustenta que os pais da garota a inscreveram na "guarda juvenil" de Morales "com o único objetivo de ascender politicamente e obter benefícios (...) em troca de sua filha menor". O Ministério Público apresentou denúncia contra Evo Morales e a mãe da suposta vítima pelo crime de "tráfico de pessoas agravado". (RC)

» Al-Assad nega fuga planejada

Pela primeira vez desde sua queda na Síria, o ex-ditador Bashar Al-Assad, que estaria asilado em Moscou, divulgou uma declaração para explicar as circunstâncias de sua saída do país. "Minha partida da Síria não estava planejada nem ocorreu durante as horas finais das batalhas. Ao contrário, fiquei em Damasco, cumprindo com meu dever até as primeiras horas de 8 de dezembro. Quando as forças terroristas se infiltraram na capital, eu me movi para Latakia, em coordenação com nossos aliados russos para supervisionar operações de combate", disse Al-Assad, por meio do aplicativo Telegram.

EUROPA



Olaf Scholz: coalizão de três partidos com interesses opostos

Chanceler alemão perde moção de confiança

O chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, foi derrotado em uma moção de confiança votada pelo Bundestag (Parlamento), em mais um capítulo da crise política enfrentada pelo governo do social-democrata. Agora, caberá ao presidente Frank-Walter Steinmeier dissolver a legislatura e antecipar as eleições para fevereiro de 2025 — nove meses antes do previsto. "Estou feliz que a decisão tenha sido finalmente tomada, que as coisas estejam caminhando e que os cidadãos agora tenham a palavra", declarou o chefe de governo à emissora NTV. Ao todo, 207 parlamentares mantiveram a confiança em Scholz, enquanto 394 votaram contra e 116 se abstiveram.

Cientista político da Universidade Luís Maximiliano de Munique, Günther Auth explicou ao **Correio** que a coalizão tripartidária que sustentava o governo Scholz — formada pelos social-democratas, pelos Verdes e pelos liberais — estava amaldiçoada por divergências em áreas vitais, como a política energética, a economia, o meio ambiente e a política social. "Eram diferenças incompatíveis. Também por conta de compromissos respectivos dos partidos a clientes internos ou internacionais. Não havia muito espaço para manobra", observou.

De acordo com Auth, Scholz tem se mostrado controverso. "Ele se envolveu em um escândalo de corrupção prolongado quando era prefeito de Hamburgo. Também amargou a imagem de um tomador de decisões hesitante e discreto", disse.

Intencional

Rüdiger Schmitt-Beck, cientista político da Universidade de Mannheim, acredita que Scholz queria perder o voto de confiança. "Esse é o único jeito de dissolver o Bundestag e alcançar novas eleições. A Constituição da Alemanha não permite ao Parlamento se dissolver. A perda da moção de confiança é a única forma de realizar nova votação. Essa rota foi a escolhida repetidamente por ex-chanceleres. O último deles foi o social-democrata Gerhard Schröder, em 2005", lembrou à reportagem. (RC)